

A APLICAÇÃO DAS METODOLOGIAS ATIVAS AO ENSINO TEOLÓGICO

Roney Ricardo Cozzer*

RESUMO

O presente artigo reflete sobre as Metodologias Ativas e sua utilidade e aplicabilidade no contexto do ensino teológico. Reconhecendo a necessidade de se considerar a especificidade de cada contexto em que se pretende aplicar metodologias e tecnologias pedagógicas, este texto lança um olhar sobre a utilidade e necessidade da utilização das Metodologias Ativas no ensino teológico, um tipo de ensino ainda fortemente marcado pelo modelo tradicional de ensinar que, por sua vez, inibe a participação-interação do discente e acaba por supervalorizar o papel do professor. Todavia, o que vem sendo demonstrado ao longo do tempo, por meio dos resultados do trabalho de pensadores da Educação como Jean Piaget e Paulo Freire, por exemplo, é que a interação é fundamental para o aprendizado. E as Metodologias Ativas valorizam o papel do aluno reconhecendo-o como protagonista nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE

Metodologias. Ativas. Ensino. Teologia. Educação.

“Não é sobre dinheiro, ou mesmo reconhecimento e popularidade. Fosse apenas por esses elementos já teríamos desistido. Também não é em função do apoio ministerial ou incentivos que tenhamos recebido. Certamente é por algo maior, algo que nem sabemos explicar direito. Uma força poderosa que nos catapulta a continuar e que é alimentada por fatos triviais, talvez irrelevantes para uma sociedade sempre acelerada e em busca de resultados, mas que não passam despercebidos por quem ama ensinar: o olhar de interesse do aluno pelo que está sendo ensinado, o comentário que ele tece e que evidencia aprendizagem ou mesmo a sua mudança comportamental que é resultado do que se está ensinando. Esses fatos são a nossa combustão. Simplesmente seguimos em frente, e por vezes, indo contra todas as impossibilidades. A essa força chamamos vocação”.

Roney Cozzer

* Mestrado em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Bacharel em Teologia. Licenciado em Pedagogia e História. Possui formação em Psicanálise. Coordenador pedagógico no Centro de Ensino Superior FABRA, onde também docente e conteudista.
E-mail: roneyricardoteologia@gmail.com

INTRODUÇÃO

As Metodologias Ativas são uma nova tendência pedagógica que vem ganhando espaço nas instituições de ensino, inclusive as de ensino superior. O modelo tradicional de ensino ainda é uma constante na realidade educacional do país, e como bem destaca Maria das Graças Nicoletti Mizukami (1986), ela influencia todas as outras abordagens. Todavia, o seu desgaste é inegável.

É fato que as novas gerações aprendem com uma dinâmica que é distinta da de gerações anteriores. Inegavelmente o cenário educacional se depara com um novo tipo de aprendente, que utiliza em abundância mídias sociais, plataformas digitais de vídeos e outros recursos que não só permitem que eles acessem, por eles próprios, a informação, como faz com que sejam mais exigentes (ainda que nem tanto, críticos).

Um ponto importante, no entanto, mas nem sempre lembrado ou destacado, é considerar a sua aplicação ao contexto do ensino teológico. Algumas perguntas podem ser elencadas no que concerne a essa relação MA's - ensino teológico, como: Elas funcionariam no ensino teológico com a mesma eficiência com que são aplicadas na Educação geral? Que limites poderiam existir para sua aplicação no contexto do ensino de Teologia? O público que estuda Teologia receberia de bom grado a aplicação-utilização das MA's? Estas e outras perguntas podem ser elencadas e são dúvidas legítimas. O presente texto é construído considerando as demandas que elas evidenciam.

1. O QUE SÃO AS METODOLOGIAS ATIVAS

As Metodologias Ativas (daqui em diante, apenas MA's), podem ser entendidas como um conjunto de metodologias pedagógicas que tem por objetivo maior “ativar” a aprendizagem, isto é, dinamizam a aprendizagem. Elas possibilitam maior interação entre os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, no caso, professor e alunos, estabelecendo assim um *modus operandi* pedagógico que é menos engessado, mais “aberto” e inclusivo e que respeita mais as especificidades e idiosincrasias dos alunos.

Um ponto importante a ser destacado é que as MA's não são de todo inéditas, isto é, não são inteiramente novas. Elas trazem consigo princípios que já estão preconizados pela Pedagogia e foram defendidos por educadores como Paulo Freire, Jean Piaget, John Dewey e outros.¹ A valorização da autonomia do aluno é um desses princípios, muito trabalhada por educadores. E deve-se mencionar ainda, princípios também valorizados por educadores cristãos.

Discorrendo sobre a abordagem cristã da Educação Cristã, Edson Lopes (2010) afirma que no “[...] estudo dos termos latinos *educare* e *educere* traduzidos por “educação”, observamos que eles trazem consigo a ideia fundamental de que educar é “nutrir” e “conduzir para fora”. O mesmo autor prossegue então afirmando que esse esforço educacional significa não apenas educar de fora para dentro, “[...] mas também em propiciar os meios para que se possa “tirar” da criança todas as possibilidades relativas ao conhecimento”.²

O teólogo pentecostal e também educador cristão, autor do conhecido livro *Ensinando com êxito na Escola Dominical* (1995), uma obra muito antiga, mas ainda muito relevante, defende justamente a ideia de que o aluno, na Escola Dominical, deve ser levado a pensar por si mesmo. O aluno não deve comportar-se

¹ OZÓRIO, 2020, p. 18.

² LOPES, Edson. **Fundamentos da educação cristã**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010, pp. 108-09.

como uma “tábula rasa” que não possui nenhum conhecimento prévio do assunto a ser ensinado. E o professor da Escola Dominical também deve entender esse fato e explorá-lo positivamente em favor do ensino na Escola Dominical. Pearlman afirma que “[...] ensinar não é apenas narrar fatos, porque o aluno não compreende tudo que ouve, e neste caso seria difícil mantê-lo atento; não é a repetição de frases decoradas e recitadas como uma ‘ladainha’”. Pearlman prossegue então expressando o seguinte: “Ensinar pode ser definido assim: é despertar a mente do aluno para captar e reter a verdade. É mais que partilhar com outros as verdades que possuímos; é motivá-los a pensar por si mesmos, de tal modo que cheguem aos fatos”.³ Tal compreensão de ensino pressupõe, sem dúvida, certo protagonismo do discente na aprendizagem.

2. EXEMPLOS DE METODOLOGIAS ATIVAS

As MA’s são variadas e isso permite ao docente poder avaliar qual metodologia melhor se aplica ao contexto educacional onde ele atua. Por exemplo, a aplicação de MA’s que demandem acesso à *internet* em contextos de muita pobreza pode ser um grande desafio, tendo em vista que em geral, alunos nessas condições têm dificuldade de acesso à *internet*. Por isto é fundamental que o docente analise com cuidado cada MA e como pretende aplicá-la, em conformidade com a realidade social de seus alunos.

2.1 Sala de aula invertida

O primeiro exemplo de MA que exploraremos aqui é o da Sala de aula invertida. Nessa metodologia educacional, inverte-se a sala de aula no sentido de que se gasta mais tempo com a aplicação de atividades em torno do conteúdo, entre os alunos, do que com a exposição oral de conteúdo, bem como com a sua explicação pelo professor. Noutras palavras: os alunos se debruçam eles próprios sobre os conteúdos com a mediação e auxílio do professor.

Um ponto importante a se destacar e que deve ficar claro para o professor é que inverter a sala de aula não implica em simplesmente dividir a turma em grupos, dar trabalhos a eles e apenas corrigi-los. Inverter a sala de aula implica em muito mais do que correção de exercícios, embora isso também possa fazer parte. A inversão consiste de uma mudança profunda em que o professor reduz seu tempo de exposição oral para levar os alunos a trabalharem os conteúdos sob sua supervisão. O docente fala, mas fala distribuindo sua fala e não por longos períodos de tempo com aquelas intermináveis sessões de slides. Ana Rita Mota e Cleci T. Werner da Rosa (2018) chegam a indicar como uma dentre dez estratégias para promover as MA’s nunca falar mais que dez minutos seguidos. Elas afirmam: “O tempo de aula deve ser utilizado preferencialmente para discutir ideais, não para apresentar conteúdos aos alunos”.⁴

2.2 Aprendizagem Baseada em Problemas (*Problem Based Learning*)

Esta metodologia é muito aplicável ao contexto teológico, tendo em vista que diversas problematizações podem ser feitas a partir de assuntos teológicos, muitos dos quais são complexos: Trindade (Teontologia), duas naturezas de Cristo

³ PEARLMAN, Myer. **Ensinando com êxito na Escola Dominical**. Trad.: Rejane Caldas. São Paulo: Editora Vida, 1995, p. 11.

⁴ MOTA, Ana Rita. ROSA, Cleci T. Werner da. Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas. **Revista Espaço Pedagógico**. vol. 25, nº 2, Passo Fundo, pp. 261-76, mai.-ago. 2018, p. 266.

(Cristologia), o papel do leitor na interpretação bíblica (Hermenêutica), dentre vários outros exemplos que poderiam ser elencados. Ela contribui muito no sentido de “trazer” o aluno para dentro do problema e torná-lo protagonista na busca pela sua solução.

Um dos grandes problemas - e desafios - do ensino no modelo tradicional é que ele cria um ambiente de muita passividade para o aluno. Uma das grandes vantagens das MA's é justamente possibilitar uma aprendizagem que se dá de modo mais crítico, por questionamento e experimentação.

O que constatamos, cada vez mais, é que a aprendizagem por meio da transmissão é importante, mas a aprendizagem por questionamento e experimentação é mais relevante para uma compreensão mais ampla e profunda. Nos últimos anos, tem havido uma ênfase em combinar metodologias ativas em contextos híbridos, que unam as vantagens das metodologias indutivas e das metodologias dedutivas. Os modelos híbridos procuram equilibrar a experimentação com a dedução, invertendo a ordem tradicional: experimentamos, entendemos a teoria e voltamos para a realidade (indução-dedução, com apoio docente).⁵

A Aprendizagem Baseada em Problemas “[...] aponta para uma metodologia que problematiza situações que podem ser simuladas ou mesmo reais, do cotidiano, buscando solucioná-los por meio de pesquisas, diálogos e outras formas de interações, em grupos, mas sempre sob a orientação do professor que, como indicado anteriormente, é o mediador na utilização de Metodologias Ativas”.⁶

2.3 Aprendizagem Baseada em Projetos (*Project-based learning*)

Essa MA está baseada “[...] no trabalho colaborativo, na interdisciplinaridade e na capacidade de resolução de problemas abertos”.⁷ O professor apresenta um problema que deverá ser resolvido pelos alunos por meio da pesquisa, diálogo e interação entre eles. Essa MA ajuda no sentido de levar os alunos a desenvolverem habilidades não apenas acadêmicas, mas até mesmo para a própria vida. Os alunos são motivados a desenvolver não apenas seus conhecimentos a respeito do projeto proposto, mas as suas habilidades, necessárias em seu futuro no mercado de trabalho e na própria vida. A diferença fundamental entre a Aprendizagem Baseada em Projetos e a Aprendizagem Baseada em Problemas é que aquela foca mais no projeto a ser desenvolvido pelos alunos do que no problema em si.

2.4 *Peer Instruction* (Instrução pelos Colegas)

Mota e Rosa (2018) comentam que essa MA surge em meados da década de 1990 proposta por Eric Mazur, na Universidade de Harvard e se coloca como uma das mais difundidas pelo mundo.⁸ A utilização dessa MA requer que ocorra uma interação entre os alunos a fim de responder a questões conceituais que vão sendo colocadas pelo professor. Mota e Rosa (2018) explicam mais detalhadamente como essa MA foi concebida:

Em termos gerais, cada aula é introduzida com uma questão conceitual na forma de escolha múltipla. Os alunos têm um a dois minutos para

⁵ BACICH, Lilian. MORAN, José. [org.s.]. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018, [s.p].

⁶ COZZER, Roney Ricardo. **Epistemologia e Didática**. Vitória, ES: Material didático-instrucional para curso de Licenciatura em Pedagogia, 2020, p. 63,4.

⁷ MOTA, ROSA, 2018, p. 270.

⁸ MOTA, ROSA, 2018, p. 269.

pensarem individualmente sobre a questão e dão a sua resposta através de um sistema de aquisição de dados, clickers, ou flashcards (cartões de resposta). Se a frequência de acertos for superior a 70%, o professor explica a resposta e faz novamente uma questão do mesmo tópico ou segue para o próximo conceito. Se a percentagem de acertos for inferior a 70%, os alunos discutem com os colegas do lado e voltam novamente a votar.⁹

No ensino teológico essa MA pode ser utilizada para dinamizar o ensino. O professor pode elaborar questões diretamente relacionadas ao conteúdo programático da aula, disponibilizá-la aos alunos no quadro ou projetor, e então levar os alunos a interagirem entre si justamente para buscarem discutir e entenderem o assunto em tela. Por exemplo: o professor pretende discorrer sobre gêneros literários da Bíblia. Seguindo na trilha do que foi explicado por Mota e Rosa (2018), o professor pode então introduzir sua aula com uma questão de múltipla escolha e dar então aos alunos um tempo máximo de dois minutos para analisarem a questão e a responderem em seguida. Conforme o percentual de acertos, o professor explica a questão ou permite que os alunos voltem a discuti-la. Uma MA desta natureza se aplica muito bem também ao ensino de idiomas bíblicos, a saber, o Aramaico, o Hebraico e o Grego, como também a disciplinas como História do Cristianismo, Introdução Bíblica, dentre outras.

2.5 Mapas Mentais Invertidos

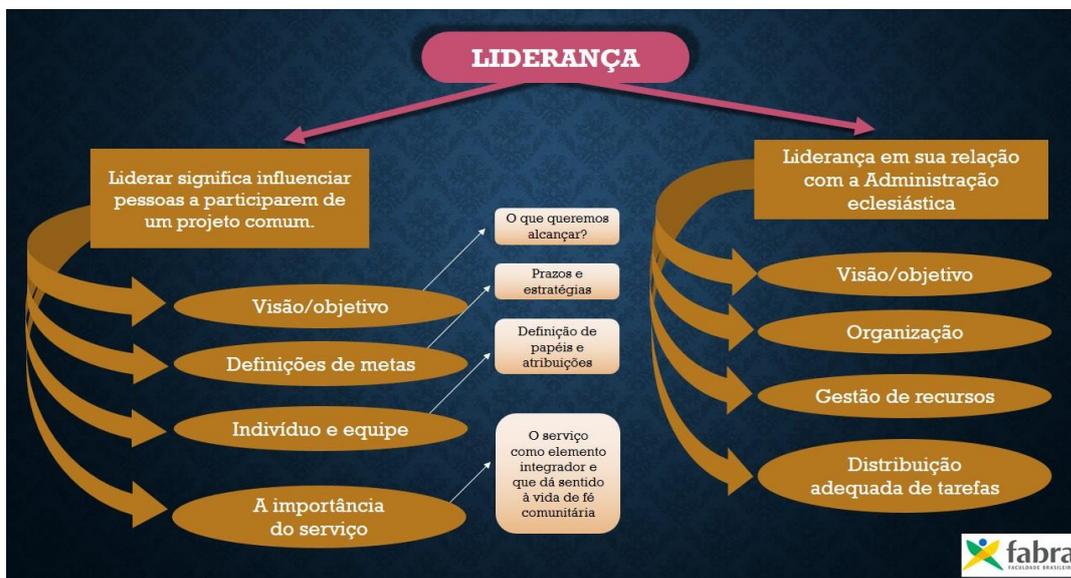
O Mapa Mental é uma ótima ferramenta para fixação de conteúdo de modo bem simples e objetivo. Num plano só, são colocados - e linkados - diversos conceitos que emanam de um conceito ou ideia chave. E os Mapas Mentais também não são de toda uma novidade absoluta. Na verdade, eles já são utilizados na realidade educacional. A novidade consiste em que os alunos os elaborem. Tradicionalmente, é o professor que os elabora e utiliza em aula a fim de clarificar e fixar o conteúdo, mas utilizados como uma MA, a ideia é que eles sejam preparados pelos discentes.

O autor deste artigo recorre muito a esse recurso. A fim de exemplificar o que é um Mapa Mental, disponibiliza abaixo dois exemplos de Mapas Mentais simples com poucas conexões. Mas deve-se lembrar: o Mapa Mental Invertido deve ser preparado pelo aluno.



⁹ MOTA, ROSA, 2018, p. 269.

Mapa Mental referente à disciplina de pós-graduação *lato sensu* Ministério Pastoral na Pós-modernidade.



Mapa Mental referente à disciplina de pós-graduação *lato sensu* Administração e crescimento de Igreja.

Como se pode perceber nestes dois exemplos, o Mapa Mental funciona como uma espécie de gráfico que dispõe, numa tela só, diversos conceitos que estão conectados. Deve haver derivação como acontece, por exemplo, no Mapa da disciplina Administração e crescimento de Igreja. Note-se que o Mapa tem como ideia central a Liderança, da qual decorrem duas grandes derivações: Liderar significa influenciar pessoas a participarem de um projeto comum e Liderança em sua relação com a Administração eclesialística. Desses dois conceitos, por sua vez, derivam uma série de outras conexões, como se pode ver no Mapa logo acima. O aluno deve ser conscientizado disso.

3. VANTAGENS DE SUA UTILIZAÇÃO

Existem vantagens importantes na aplicação das MA's que justificam a sua utilização. E não apenas isto, mas também deve-se considerar a sua viabilidade. Quando se fala em MA's não se deve pensar em metodologias que demandam altos custos, equipamentos difíceis de serem operados ou alto conhecimento técnico de eletrônicos. As MA's demandam sim (ou podem demandar) a utilização de recursos tecnológicos, mas sua aplicação **consiste mais** em mudar-se o formato do ato de ensinar e de aprender do que em aplicar novas tecnologias, ainda que a importância dessas tecnologias seja inquestionável, especialmente no tempo presente quando os estudantes estão conectados com muita frequência.

3.1 Permitem maior participação dos alunos

O modelo de aula tradicional, em que o professor atua mais como expositor do que como mediador do conhecimento, favorece a dispersão da atenção dos alunos. Mota e Rosa (2018) comentam que “[...] estudos internacionais apontam que os alunos só retêm significativamente 70% dos conteúdos nos primeiros 10

minutos de aula”.¹⁰ Aulas com exposições muito longas são muito propícias para que os alunos conversem entre si, se distraiam e assim não absorvam e retenham como deveriam o conteúdo proposto.

Outro ponto importante é que a aplicação das MA's contribui diretamente para que não apenas os alunos das cadeiras da frente, que geralmente são os mais interessados, participem ativamente. As MA's ativam a aprendizagem de modo mais coletivo e, por que não dizer, inclusivo.

Quando lecionávamos da maneira tradicional, os alunos que recebiam a maior parte de nossa atenção eram os melhores e os mais brilhantes - aqueles que levantavam a mão primeiro e faziam ótimas perguntas. Nesse contexto, o resto dos estudantes ouvia passivamente nossa conversa com os colegas mais inquisitivos. Desde que adotamos o modelo de sala de aula invertida, porém, nosso papel mudou: passamos agora quase toda a aula caminhando pela sala e atendendo os estudantes com mais dificuldade. Achamos que essa é a principal razão de os alunos progredirem mais no modelo invertido. Não significa dizer que ignoramos os melhores, mas grande parte de nossa atenção já não se concentra neles. Agora, ela se dirige aos estudantes que solicitam mais ajuda.¹¹

A utilização das MA's de certo modo contribui para a democratização do ensino, no sentido de que mais alunos participam. E elas permitem também que o professor seja mais e mais bem explorado pelos alunos, pois ouvindo mais, o professor é mais acessível do que aquela figura apoteótica que se coloca magnificamente diante dos alunos falando ininterruptamente. Com as MA's, propicia-se a construção da figura do professor parceiro dos alunos no aprendizado e mediador do conhecimento para eles.

3.2 Possibilitam maior interação professor-alunos e alunos-alunos

A utilização das MA's cria também um ambiente educacional que é mais propício à interação entre professor e alunos, entre os próprios alunos. Há uma interação maior entre as pessoas envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, no caso o docente e os discentes.

Um preconceito contra as MA's é o que afirma que a sua aplicação implica em menos trabalho para o professor, quando na verdade o contrário é que é verdadeiro. Como as aplicações das MA's possibilita maior interação, logo, os alunos tendem a questionar e a participar mais, o que, naturalmente, exigirá mais do professor. E esse aumento da interação entre professor-alunos e alunos-alunos é um fator fundamental para as suas vidas. Com efeito, Bergmann e Sams (2018) estão certos quando afirmam que “[...] os professores desempenham papel fundamental na vida dos alunos. São mentores, amigos, vizinhos e especialistas. Manter interações face a face com os professores é experiência inestimável para os estudantes”. E os mesmos autores tecem ainda as marcantes palavras:

Nós, professores, estamos na escola não só para ensinar o currículo, mas também para inspirar, encorajar, ouvir e transmitir uma visão a nossos alunos. E isso acontece no contexto de nossas interações. Sempre acreditamos que o bom professor constrói relacionamentos com os alunos. Estes precisam na vida de modelos positivos de adultos. E,

¹⁰ MOTA, ROSA, 2018, p. 266.

¹¹ BERGMANN, Jonathan. SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: uma Metodologia Ativa de aprendizagem**. Trad.: Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2018, p. 20.

assim, desenvolvemos essas relações antes mesmo de invertermos a sala de aula, mas a inversão fortalece ainda mais os laços.¹²

Deve-se lembrar que educar é humanizar e a interação é indispensável para esse esforço. Vida inspira vida. Independentemente do modelo educacional ou da modalidade (presencial, semi-presencial ou EAD), o ensino precisa contar com a interação. O acolhimento é fundamental e a interação permite o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais não apenas ao mercado de trabalho, mas à própria vida.

4. AS METODOLOGIAS ATIVAS APLICADAS AO ENSINO TEOLÓGICO

Já existe bastante material sobre MA's disponível para consulta: artigos científicos e livros (como os que estão sendo usados na bibliografia deste artigo), vídeos na *internet* e outros conteúdos correlatos. Mas o que não se encontra muito são textos que pensam a aplicação das MA's no ensino teológico. Uma pergunta cabe aqui: Mas o que justifica este recorte?

É importante pensar a utilização de MA's no ensino teológico como é importante pensar sua aplicabilidade em qualquer outro contexto educacional: Ensino Fundamental, Médio e Superior. O mesmo cuidado deve-se tomar também em relação a sua aplicação no contexto teológico.

E por quê? Porque o contexto do ensino teológico possui suas idiossincrasias que devem ser respeitadas e levadas em conta na hora de se escolher com quais MA's o docente ou mesmo a instituição pretende trabalhar. Todo tipo de engessamento deve ser evitado. Mudar às vezes é preciso. O *feedback* constante dos alunos, de seus pais e dos pares na instituição escolar é fundamental para a manutenção ou não de determinada ou determinadas MA's. Se o professor entende, juntamente com a Coordenação pedagógica, que determinada MA aplicada já não funciona tão bem, é hora de mudar a estratégia.

Uma característica marcante do ensino teológico no Brasil é que ele permanece notadamente operando com o modelo de ensino tradicional, que preconiza o docente, não o aluno. Implantar MA's pode ser um desafio. Há muita resistência e, curiosamente, não só por parte dos docentes, mas dos próprios alunos que, oriundos em sua maioria de igrejas evangélicas, acostumaram-se com esse formato e estranham quando se deparam com um formato de ensino diferente do modelo com o qual estão acostumados.

Outra característica do ensino teológico no Brasil é que ele é, em grande medida, catequista e fundamentalista. Se fecha a contribuições de outras vertentes e tradições cristãs e define o todo por partes isoladas.¹³ O autor deste artigo faz dura

¹² BERGMANN. SAMS, 2018, p. 23.

¹³ O que se pensa no Brasil de intelectuais como Bultmann, Barth e outros, além de teólogos liberais, infelizmente é influenciado em grande medida pelo que afirmam a respeito teólogos que se tornaram populares na *internet*. Para citar dois exemplos em duas diferentes tradições: Augustus Nicodemus Lopes no contexto reformado e Claudionor Corrêa de Andrade no contexto pentecostal. Conquanto o autor deste artigo nutra profundo respeito por esses brilhantes teólogos, não nega sua ojeriza ao preconceito e ao reducionismo que eles manifestam quando falam desses pensadores e da Teologia Liberal. Infelizmente, prestam um desserviço quando atacam e reduzem a Teologia Liberal a uma Teologia que deva ser descartada, e fazem isso em geral, por ela não conciliar com aspectos das suas próprias tradições teológicas. Mas a Teologia Reformada e a Teologia Pentecostal não são parâmetros finais para a reflexão teológica de modo geral e elas mesmas possuem suas limitações e deficiências. Nisto se vê a necessidade do diálogo e do respeito a outras tradições. O que Lopes e Andrade parecem não entender muito bem (se entendem não manifestam isso em suas falas) é que é possível divergir sem rotular e desqualificar. As contribuições da Teologia Liberal, por exemplo, não se reduzem a apenas ajudar a melhorar os argumentos dos teólogos ortodoxos, como afirma

crítica a esse fundamentalismo religioso e teológico que se instalou na ortodoxia cristã em um vídeo, com título provocador - Os perigos da ortodoxia teológica -, disponível em seu canal no *YouTube*.¹⁴ Mesmo que esse fundamentalismo teológico esteja situado, naturalmente, no campo epistemológico, ele pode refletir também na metodologia educacional, por sempre ver com suspeição aquilo que é novo e rompe com tradições profundamente cristalizadas. Estas e outras especificidades que possam vir a ser elencadas devem ser levadas em conta na hora de se aplicar uma MA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aprender a aprender é um esforço que deve marcar a realidade educacional, seja ela qual for, incluindo a teológica. O universo acadêmico, bem como o ensino de base, vem se esforçando cada vez mais para dinamizar o ensino e a aprendizagem e a Igreja, bem como as instituições de ensino teológico, não devem se furtar a essa atualização, necessária.

Deve-se lembrar que quando se insiste em atualização, não necessariamente se está propondo o abandono das tradições em nome das novidades que se colocam, mas pode-se pensar a atualização em termos de revitalização de procedimentos educacionais. A Educação deve empregar o que há de novo e de melhor no sentido de levar o aluno a ser crítico em seu pensamento e a interagir com a realidade que o envolve, buscando assim ser partícipe e contribuir de modo significativo.

Quando se pensa isto em relação à reflexão teológica, tal pressuposto ganha ainda mais sentido, tendo em vista que um dos papéis da Teologia é servir às diferentes comunidades de fé. O estudante de Teologia deve ser convidado a participar do conhecimento que se está ensinando, deve ser convidado a refletir sobre os pressupostos teóricos das disciplinas teológicas que estuda e como eles podem ser assim transpostos para a práxis eclesial e por extensão, para a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACICH, Lilian. MORAN, José. [org.s.]. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Penso, 2018.

BERGMANN, Jonathan. SAMS, Aaron. **Sala de aula invertida: uma Metodologia Ativa de aprendizagem**. Trad.: Afonso Celso da Cunha Serra. Rio de Janeiro: LTC, 2018.

COZZER, Roney Ricardo. **Epistemologia e Didática**. Vitória, ES: Material didático-instrucional para curso de Licenciatura em Pedagogia, 2020.

COZZER, Roney Ricardo. **Os perigos da ortodoxia teológica**. [Vídeo]. Disponível em: <<https://youtu.be/Ju5pF5irq5A>>. Acesso em 31 jan. 2021.

Nicodemus em um de seus vídeos. Tal pressuposto beira ao ridículo, quando se considera as significativas contribuições do pensamento liberal para a Teologia ao longo de muito tempo. Cumpre perguntar: Por que tanta hostilidade? Por insegurança epistemológica dos próprios cânones ortodoxos?

¹⁴ COZZER, Roney Ricardo. **Os perigos da ortodoxia teológica**. [Vídeo]. Disponível em: <<https://youtu.be/Ju5pF5irq5A>>. Acesso em 31 jan. 2021.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: E.P.U., 1986.

MOTA, Ana Rita. ROSA, Cleci T. Werner da. Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas. **Revista Espaço Pedagógico**. vol. 25, nº 2, Passo Fundo, pp. 261-76, mai.-ago. 2018.

OZÓRIO, Gabriela Gonçalves. **Metodologias Ativas no Ensino Superior: um caminho para a inovação pedagógica?** [Dissertação de mestrado]. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), 2020. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/49258/49258.PDF>>. Acesso em: 29 jan. 2021.

PEARLMAN, Myer. **Ensinando com êxito na Escola Dominical**. Trad.: Rejane Caldas. São Paulo: Editora Vida, 1995.